



FACE E INTERFACE DA TERRITORIALIDADE DO CURRÍCULO OCULTO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Erasmão Carlos de Lima Conceição ¹
Eliseu Pereira de Brito ²

RESUMO

Este estudo investiga o currículo oculto e o ensino de Geografia, com foco na Escola Estadual Castro Alves, situada em Santa Fé do Araguaia, no norte do Tocantins. O objetivo principal é analisar os contextos sociais e as territorialidades vivenciadas pelos estudantes, propondo uma visão sobre a relação entre território e a materialização do currículo oculto no processo de ensino-aprendizagem de Geografia. A abordagem metodológica empregada fundamenta-se em um estudo qualitativo de caráter etnográfico, respaldado por teóricos críticos do currículo que analisam a presença do currículo oculto. Compreende-se que o currículo, como diretriz do sistema educacional, define previamente uma lógica reprodutivista das relações sociais dominantes. Além disso, o ensino de Geografia, como parte do currículo, deve contribuir para a construção e interação entre os diversos currículos. Nesse contexto, quais são as consequências do currículo oculto na educação? E quais são as dificuldades que você enfrenta ao mediar o processo de ensino-aprendizagem? O objetivo da análise das informações coletadas é identificar os territórios e as maneiras pelas quais o currículo oculto se manifesta, além dos fatores que desempenham um papel crucial em sua efetivação.

Palavras-chave: Relações Territoriais. Currículo Oculto. Ensino de Geografia. Territorialidades.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia apresenta um caráter decodificador das relações entre o homem e o espaço geográfico. Vai além da simples interpretação dessas relações, ao buscar o

¹Mestrando em Geografia - PPGeo - Universidade Federal - UFNT, erasmo.conceicao@ufnt.edu.br

²Professor Associado, PPGeo - Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, eliseu.brito@ufnt.edu.br.



fortalecimento dos vínculos entre a sociedade e o meio em que interage. Ao interpretar as relações emergentes, esse ensino sintetiza a influência das diferentes dinâmicas territoriais sobre os indivíduos.

O ensino de Geografia deve responder às demandas cotidianas e aos saberes dos alunos, articulando-os ao conhecimento científico por meio de interações dialógicas entre os sujeitos envolvidos. Considerando a necessidade de apropriação das relações estabelecidas no entorno do estudante, o currículo oculto assume relevância nos processos de ensino e aprendizagem escolares. A experiência como docente da educação básica em instituições públicas revela a angústia diante do desinteresse recorrente dos alunos em relação aos conteúdos abordados, bem como da ausência de discussões sobre temas como os conflitos sociais e sua materialização no território, aspectos intimamente ligados ao cotidiano discente. Esses questionamentos e inquietações motivaram a realização deste estudo, voltado à análise do currículo oculto no ensino de Geografia, a partir das observações e interpretações construídas no cotidiano em sala de aula. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa, com base em análise etnográfica e em uma perspectiva crítica fundamentada em autores que discutem o currículo e o currículo oculto.

A investigação sobre o currículo oculto no ensino de Geografia emerge da necessidade de enfrentar o desinteresse frequente observado em sala de aula. Busca-se compreender o conceito de currículo oculto e suas formas de manifestação na educação básica, especificamente em escolas localizadas no município de Santa Fé do Araguaia, Tocantins. Nesse sentido, objetiva-se interpretar as territorialidades presentes e como se articulam no processo de ensino de Geografia. O currículo “[...] é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade”(SILVA, 2016, p. 150).

A pesquisa transita entre os conteúdos do currículo de Geografia, a metodologia didática e o “misterioso” currículo oculto com suas respectivas territorialidades. O presente estudo tem como propósito mapear as fragilidades e os problemas recorrentes que impactam o processo de ensino e aprendizagem, identificando os territórios e territorialidades envolvidos. Ademais, busca-se caracterizar as vulnerabilidades sociais existentes e apontar metodologias eficazes para o ensino de Geografia.

O território configura-se como espaço de conflitos e, sobretudo, de relações de poder, conforme afirma Raffestin (1993). O currículo oculto, nesse contexto, resulta dessas relações conflituosas, as quais demandam interpretação e problematização. Os índices de evasão escolar em instituições que atendem estudantes oriundos de zonas urbanas periféricas refletem,



majoritariamente, os baixos investimentos na educação, mas também evidenciam a ausência de uma abordagem sistemática do currículo oculto como prática pedagógica.

A presente pesquisa está sendo conduzida na Escola Estadual Castro Alves, situada em Santa Fé do Araguaia, região norte do estado do Tocantins, localizada na zona urbana da cidade. A criação da referida instituição ocorreu por meio da Lei de Criação n.º 743/77, de 09 de agosto de 1985. O corpo discente é composto, em sua maioria, por estudantes oriundos de famílias de classe média baixa, com uma proporção significativa de indivíduos não letrados ou semiletrados, impactando diretamente a relação ensino-aprendizagem. A escola também atende um número expressivo de alunos provenientes da zona rural. Apesar de tratar-se de um município de pequeno porte (7.216 pessoas - Censo 2022 do IBGE), observa-se uma dinâmica conflituosa entre os diferentes sujeitos sociais e suas territorialidades, envolvendo populações tradicionais quilombolas, indígenas Karajá e migrantes da fronteira agrícola de ocupação.

METODOLOGIA

A investigação caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza etnográfica, fundamentada em autores críticos que discutem o currículo e o currículo oculto, bem como sua importância nos processos de ensino e aprendizagem. Para a execução da proposta, foi elaborada uma revisão bibliográfica com foco em autores representativos das abordagens críticas do currículo, enfatizando o ensino de Geografia, o currículo oculto e suas territorialidades no município de Santa Fé do Araguaia.

A partir do olhar metodológico da pesquisa qualitativa, o pesquisador se debruça sobre os fenômenos sociais interagindo diretamente com os elementos que compõem o cenário da vida social. A pesquisa qualitativa “[...] está preocupada com a compreensão do fenômeno social, com base nas perspectivas dos atores por meio da participação em suas vidas. Seu propósito fundamental é a compreensão, explanação e especificação dos fenômenos”. (SANTOS FILHO, 1997, p. 43). Partindo do pressuposto de observância e principalmente de vivência da realidade pesquisada a contextualização é pilar fundamental indissociável de uma abordagem qualitativa. Onde a “[...] abordagem qualitativa exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permite estabelecer uma compreensão mais esclarecedora de nosso objeto de estudo.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49)

Para desvendar as dimensões ocultas do currículo, o pesquisador precisa aprimorar sua sensibilidade interpretativa a fim de obter uma compreensão mais profunda das práticas



curriculares. A etnografia é o ponto de partida e a base para a discussão deste estudo, realizado por um pesquisador imerso no campo de pesquisa, que realiza uma análise fundamentada na experiência adquirida por meio do contato próximo com o objeto de estudo e com os indivíduos envolvidos. Magnani (2009) oferece uma contribuição valiosa para a compreensão do método etnográfico.

A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim é apostar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2009, p. 135).

Optou-se pela pesquisa etnográfica devido à relevância de interagir diretamente com os participantes do estudo. Analisar a educação básica sem considerar os contextos subjacentes a esse arcabouço compromete a relevância da análise. A experiência direta enriquece a compreensão do objeto de estudo; nesse contexto, a abordagem etnográfica se revela adequada. A pesquisa etnográfica é “observar e interpretar culturas, e esse empreendimento exige observação ampla e prolongada da cultura e da vida social que não é dada: crenças, sentimentos, normas legais e costumeiras” (TOSTA; BUENICONTRO, 2008, p. 6). Assim, a escola oferece contextos sociais e culturais que estão intimamente ligados às territorialidades do currículo oculto. É amplamente reconhecido que a antropologia reivindica constantemente os estudos etnográficos, e que as pesquisas que se baseiam na etnografia precisam recorrer às fontes teóricas da antropologia. Por outro lado, o uso da etnografia em pesquisas educacionais enfrenta diversas críticas, e André (1995) procura esclarecer, afirmando.

Se o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo. Existe, pois, uma diferença de enfoque nessas duas áreas, o que faz com que certos requisitos da etnografia não sejam – nem necessitem ser – cumpridos pelos investigadores das questões educacionais. [...] O que se tem feito, pois, é uma adaptação da etnografia à educação, o que me leva a concluir que fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito (ANDRÉ, 1995, p. 28).

André (1995) procura dar uma nova perspectiva interpretativa aos estudos etnográficos, definindo de maneira mais precisa que as interpretações no campo educacional não são puramente etnográficas, mas sim pesquisas do tipo etnográfico. Adotando diversos de seus métodos de atuação, como observação participante, entrevistas, análise de documentos e convivência direta com os indivíduos envolvidos no estudo. Além disso, o estudo se consolida na busca e na interpretação das conexões diretas e indiretas com o currículo oculto e suas

implicações quanto às territorialidades. Onde a educação, entendida como um produto social, adquire relações culturais e gera cultura, transformando-se em um campo fértil para pesquisas do tipo etnográfico.

REFERENCIAL TEÓRICO

A presente discussão desenvolve uma ligação multidimensional entre o currículo oculto, o ensino de geografia e a territorialidade. Quando analisamos o conceito de currículo oculto sob uma perspectiva geográfica, é claro que isso está relacionado às reflexões sobre territorialidade, uma vez que ambos envolvem uma relação social mediada pelas ações humanas no território. Em que a "territorialidade pode ser caracterizada como um conjunto de relações que se origina em um sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo" (RAFFESTIN, 1993, p. 160). Ao tratar dos estudos sobre currículo oculto, observamos que as definições predominantes promovem uma reflexão acerca de um currículo que se revela nas interações dentro do ambiente escolar. Conforme afirmado por Sanchotene e Neto (2006);

O currículo oculto está presente no cotidiano escolar sob a forma de aprendizagens não planejadas. Ele é resultado das relações interpessoais desenvolvidas na escola, da hierarquização entre administradores, direção, professores e alunos e da forma como os alunos são levados a se relacionarem com o conhecimento (SANCHOTENE; NETO, 2006, p. 271).

Entretanto, nossas considerações se fundamentam em uma análise que não se restringe a uma abordagem voltada apenas ao contexto escolar como resultado final de sua manifestação. É imprescindível examinar as relações para além dos limites da escola, e, sob um olhar voltado para a territorialidade, a abordagem se mostra mais confiável e coerente em relação à manifestação do currículo oculto. Em outros contextos, o currículo assume nitidamente todas as relações de poder que estão sobre sua jurisprudência. “O currículo não é um produto de uma luta fora da escola para significar o conhecimento legítimo, não é uma parte legítima da cultura que é transposta para a escola, mas é a própria luta pela produção do significado.” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 93). A legitimação de uma análise fundamentada requer uma abordagem holística das problemáticas envolvidas no campo de pesquisa. Estruturada desde as lutas sociais na busca de legitimação, bem com as significações atribuídas a ela.

Ademais, o ensino de geografia na “construções lógicas do presente” e na “leituras reflexivas e críticas do mundo”, como ressalta Cholley (1942), está em constante diálogo com os conflitos sociais e as relações de poder buscando a construção de uma interpretação constante



das demandas sociais. “O papel da Educação e, dentro dessa, o do ensino de Geografia é trazer à tona as condições necessárias para a evidência das contradições da sociedade a partir do espaço, para que no seu entendimento e esclarecimento possa surgir um inconformismo com o presente [...]”. (STRAFORINI, 2004, p.56) Sem se esquivar dos embates e conflitos atuais, dialoga-se com as diversas territorialidades e implementam-se aproximações teóricas ao contexto cotidiano do estudante, tornando o saber concreto e aplicável. Em outras palavras, o ensino de geografia contribui para a compreensão das questões que fundamentam o currículo oculto. Claval (2010, p. 30), ao afirmar que as “práticas, as habilidades e os conhecimentos indispensáveis a qualquer vida social têm componentes geográficos”, deixa evidente que a geografia é fundamental para compreender as relações espaciais entre os indivíduos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do currículo oculto requer atenção a aspectos que, à primeira vista, podem parecer simples e sem importância, mas que se conectam e fortalecem estigmas sociais. O currículo prescrito já inclui elementos e contextos específicos que demonstram a eficácia do currículo oculto. Ao discutir as manifestações desse currículo, a principal questão diz respeito aos padrões das territorialidades existentes na escola pública de Santa Fé do Araguaia.

Apesar do extenso debate sobre a eficácia da educação e o papel do currículo, nota-se uma falta de atenção à análise geográfica das relações territoriais e seu impacto no processo educativo. Os desequilíbrios sociais presentes nas territorialidades dos alunos mostram que a atual estrutura educacional não está equipada para lidar com a diversidade de necessidades impostas por essas realidades. É claro que as territorialidades afetadas por conflitos estão, em geral, ligadas a áreas com alta vulnerabilidade social.

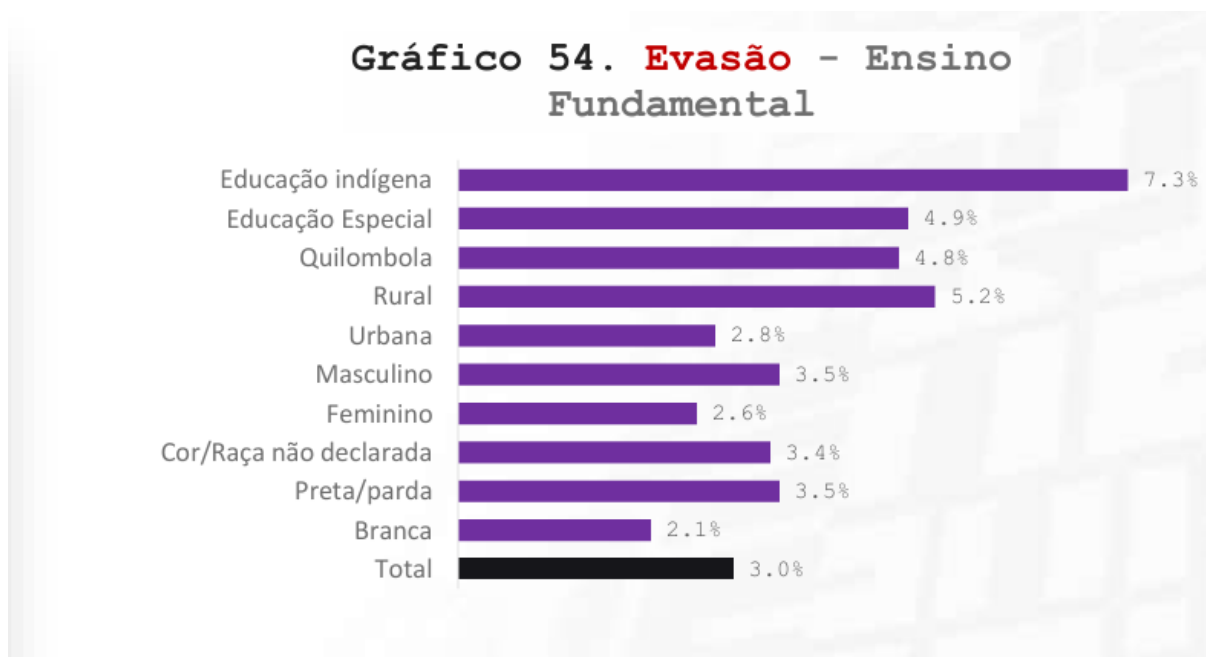
A disposição das cadeiras na sala de aula, por exemplo, pode evidenciar algumas expressões dessas territorialidades no ambiente escolar. Observou-se que estudantes em maior situação de vulnerabilidade social tendem a ocupar as extremidades da sala, como as laterais ou o fundo, evidenciando como essas territorialidades fragilizadas se manifestam no contexto educacional. O currículo oculto é um dos principais meios pelos quais as territorialidades se manifestam de forma sutil. Nesse jogo de sutileza, as vulnerabilidades não seguem padrões; elas se manifestam em comportamentos desordenados e na violência, especialmente na verbalização de termos inadequados. É comum que ações voltadas para a violência escolar tratem a escola como o ponto de origem de diversas outras relações e atuem apenas após a



manifestação do problema, ou seja, quando ele se encontra em seu estágio mais visceral. Essas ações não dialogam com os requisitos anteriores às deliberações presentes no mau comportamento, tentando apagar a inocência sem se preocupar em cessar os que ateiam fogo.

No entanto, o Censo Escolar 2023, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), destaca os índices de evasão em âmbito nacional, evidenciando as desigualdades presentes nas comparações étnicas, raciais e de gênero. No entanto, é importante ressaltar que o estudo continua sendo parte de uma cadeia de reflexão sobre os eventos endêmicos, o que exige cautela em nossas análises. Portanto, é importante destacar que as desigualdades sociais se tornam evidentes, assim como as territorialidades representadas pelas comunidades tradicionais, por pessoas pretas e pardas e pela população rural. Em outras palavras, são os diversos currículos ocultos associados às territorialidades que expõem sua face mais cruel: a invisibilidade social.

Gráfico 1 - Censo Escolar 2023, gráfico de evasão escolar no ensino fundamental.



Fonte: adaptada de Inep/Censo Escolar 2023

De modo geral, as desigualdades, especialmente as vulnerabilidades sociais, raramente ocupam o centro do enredo educacional. Predominam as concepções capitalistas baseadas na lógica do mérito individual, impulsionando a lógica capitalista e reformulando as funções da educação. Por um lado, atribui o conceito preparatório ao mercado de trabalho como forma de superar as desigualdades; por outro, destaca a educação como meio para libertar a consciência social, o que resultaria na superação das mazelas sociais (ARROYO, 2018). O autor



mencionado aponta para uma fragmentação entre as ideias de educação e as desigualdades sociais. De certa forma, o isolamento social constante da escola em relação aos problemas ao seu redor evidenciou um muro que, por muito tempo, impediu o diálogo sobre as diversas questões presentes na instituição. Arroyo (2010) afirma que.

Entretanto, o que se pode observar é que o campo da educação e suas políticas continuam pensando-se isolados dessas fronteiras, onde se dá a produção das injustiças e desigualdades mais radicais e onde os coletivos colocam suas lutas. As desigualdades escolares, educativas, continuam pensando-se como as desigualdades produtoras de todas as desigualdades sociais, econômicas, dos campos e periferias. (ARROYO, 2010, p.1397):

Cavalcanti (1998) sustenta que o ensino de Geografia deve estar fundamentado nas vivências e experiências dos alunos, promovendo a interconexão entre o conhecimento científico e o cotidiano dos estudantes, ao mesmo tempo em que ressignifica conceitos e lhes atribui novos sentidos. A superação do isolamento da educação em relação aos problemas sociais envolve não apenas a criação de políticas públicas e a inclusão no currículo, mas também a implementação de mecanismos de ensino e aprendizagem. Segundo a autora, “levar em conta o mundo vivido dos alunos implica apreender seus conhecimentos prévios e sua experiência em relação ao assunto estudado [...]” (CAVALCANTI, 1998, p.148). Assim, para que o processo de ensino seja significativo, é fundamental que o professor desenvolva sensibilidade e se aproprie dos diferentes currículos em uso na escola, além de estar ciente dos territórios e territorialidades que afetam sua prática pedagógica, seja de forma positiva ou negativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo, ficou evidente a ineficácia do sistema educacional e a necessidade urgente de refletir sobre os efeitos do currículo oculto, além de estratégias para lidar com essa dualidade curricular. O ensino de Geografia deve adotar e interagir com os conceitos presentes na realidade do estudante, com o professor desempenhando um papel central nesse processo. O diálogo se dá por meio da abertura ao conhecimento, ou seja, a interação só acontece quando existe a vontade de aprender. Desse modo, segundo Silva (2016), ao se revelar o currículo oculto, sua influência pode ser reduzida, tornando-se menos eficiente.

Ademais, é fundamental reconhecer que o currículo oculto é um componente ativo no ambiente educacional. O processo de ensino e aprendizagem é realizado com a contribuição de diversos agentes, tanto internos quanto externos à escola. O ambiente escolar está totalmente refletido no currículo, sendo um espaço onde “[...] todos os aspectos do ambiente escolar que,

sem fazer parte do currículo oficial explícito, contribuem de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes.” SILVA, 2016, p. 78). O principal objetivo desta pesquisa é identificar os diversos currículos em ação, para que os educadores possam adotar estratégias que superem os erros que levam à exclusão e à evasão escolar.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ARROYO, M. G. Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out.-dez. 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 13 julho. 2025.
- ARROYO, M. G. Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual? **Educ.Soc.**, Campinas, v.39, n° 145, p.1098-1117, out.dez., 2018.
- BOGDAN, R. ; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar 2023: Sinopse Estatística**. Brasília: INEP, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>. Acesso dia 13 de ago. 2025
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.
- CLAVAL, P. **Terra dos Homens: a geografia**. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHOLLEY, A. **Guide de l'étudiant en géographie** Paris: Presses Universitaires de France, 1942.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de currículo** São Paulo: Cortez, 2011. p.279.
- MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, [S.L.], v. 15, n. 32, p. 129-156, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832009000200006> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/6PHBfP5G566PSHLvt4zqv9j/?lang=pt> Acesso em: 13 abr. 2025.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.



SANCHOTENE, M. U.; MOLINA NETO, V. Habitus profissional, currículo oculto e cultura docente: perspectivas para a análise da prática pedagógica dos professores de Educação física. In: ____ **Pensar a Prática**. p. 267-280, 2006.

SANTOS FILHO, J. C. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 3ª edição, 2016.

STRAFORINI, R. A . **Ensinar Geografia**: o desafio da totalidade mundo nos anos iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

TOSTA, S. P.; BUENICONTRO, Renata. OS USOS DA ETNOGRAFIA NA PESQUISA EDUCACIONAL. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. **Anais [...]** . Porto Seguro: Associação Brasileira de Antropologia, 2008. p. 01-14. Disponível em: <https://portal.abant.org.br/anais-26-rba/>. Acesso em: 13 abr. 2025.